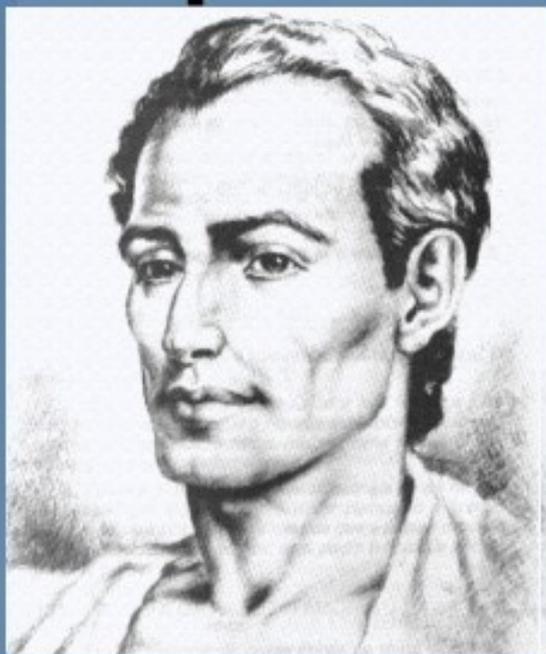


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO LXXV – Em plena prova

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXV)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicada em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXV)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo LXXV – Em plena prova	O Consolador	04
Complementos		
A verdadeira riqueza	O Consolador	06
Fatalidade	O Consolador	08
Discípulos	O Consolador	11

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXV)

Em plena prova Reunião pública 26 / 10 / 1959 Questão 266

Aguardas a melhora que parece tardia...

Suspiras em vão pelo amigo ideal...

Anseias inutilmente pela concórdia doméstica...

Clamas debalde pelo socorro em serviço...

Todavia, mesmo nos transe mais duros, espera com paciência.

*

Ontem devastamos lares alheios.

Hoje é preciso reconstruí-los.

Ontem traçamos caminhos de lodo e sombra aos pés dos outros.

Hoje é preciso purificá-los.

Ontem retínhamos sem proveito a fortuna de todos.

Hoje é preciso devolvê-la em trabalho, acrescida de juros.

Ontem cultivamos aversões.

Hoje é preciso desfazê-las, a preço de sacrifício.

Ontem abraçamos o crime, supondo preservar-nos e defender-nos.

Hoje é preciso reparar e solver.

Ontem cravamos no próximo o espinho do sofrimento.

Hoje é preciso experimentá-lo por nossa vez.

*

Se sobes calvário agreste, irriga em suor e pranto a senda para o futuro.

Qual ocorre ao enfermo que solicita assistência adequada antes da consulta, imploraste, antes do berço, a prova que te agracia.

Aspirando a sanar as chagas do pretérito, comissionaste o próprio destino para que te entregasse à existência o problema inquietante e a frustração temporária, o embaraço imprevisto e a trama da obsessão, o parente amargoso e a doença difícil.

Não atraíões a ti mesmo, fugindo ao merecimento da concessão.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXV)

Milhares de companheiros desenleados da carne suplicam o ensejo que já desfrutas.

Mergulhados na dor maior, tudo dariam para obter a dor menor em que te refazes.

*

Desse modo, quando estiveres em oração, sorvendo a taça de angústia, na sentença que indicaste a ti próprio diante das Leis Divinas, roga a bênção da saúde e a riqueza da paz, a luz da consolação e o favor da alegria, mas pede a Deus, acima de tudo, o apoio da humildade e a força da paciência.

A verdadeira riqueza

Quando Jesus disse que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino dos Céus (Lucas, 18:25), Ele não condenou as riquezas, mas mostrou que ela deve ser bem aplicada.

A riqueza e a miséria são duas provas difíceis, sendo que a riqueza, pelas atrações, pelas tentações e pela fascinação que causa, é uma prova mais arriscada e mais perigosa. Quando bem aplicada, a riqueza produz bem-estar social, conforto, saúde, alegria. Quando mal aplicada, gera a fome, a desolação, o desespero, a aflição e uma série de outros males.

O lado negativo da pobreza é aquele em que, inconformada com a situação em que vive, a pessoa, querendo ter mais do que tem, parte para o roubo e outros expedientes, que a levam a resultados contrários aos que ela espera.

O ensinamento de Jesus sobre a riqueza foi transmitido depois que o moço rico lhe perguntou o que deveria fazer para herdar a vida eterna. Quando Jesus explicou que o moço deveria cumprir os mandamentos, ele disse que já os cumpria e frequentava a sinagoga. Jesus, então, disse que lhe faltava uma coisa: que o moço vendesse tudo o que tinha e distribuísse com os pobres e, assim, teria um tesouro no céu. E que depois viesse, e O seguisse. O moço abaixou a cabeça e saiu, contrariado.

A fortuna do moço proporcionava-lhe bem-estar e gozos terrenos, ao passo que servir o Cristo, naquela circunstância, acarretava encargos, responsabilidades, privações e ele poderia, inclusive, ser levado à morte, como aconteceu com a maioria de Seus discípulos. O moço cumpria os mandamentos, frequentava a sinagoga, mas a sua fortuna material o impedia à prática mais importante: a caridade.

Jesus abordou o assunto em outras oportunidades:

Quando, ao hospedar-se na casa de Zaqueu, o publicano (Lucas, 19:1-10), que se prontificou a distribuir aos pobres a metade de sua fortuna e restituir quatro vezes mais àqueles que porventura tivesse prejudicado, disse o Mestre: “Zaqueu, hoje entrou a salvação em tua casa”.

Quando contou a Parábola do Rico e Lázaro, ou o Rico e o Pobre (Lucas, 16:19-31), os quais, no mundo espiritual, tiveram suas situações invertidas: o Rico gozou no mundo e sofreu no Espaço; o Lázaro sofreu no mundo e gozou no Espaço.

Quando contou a Parábola do Rico Insensato, ou do Rico Avarento (Lucas, 12:15-21), que abarrotou os seus armazéns de alimentos para descansar por toda a vida, mas que nessa mesma noite retornou ao mundo espiritual, onde viu que lá, somente os bens espirituais têm relevância.

O homem só possui em plena propriedade aquilo que pode levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e deixa ao partir, goza ele enquanto permanece na Terra. Ao partir, só tem o usufruto, e não a posse real. Então, o que ele possui? Nada do que se destina ao

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXV)

corpo, e tudo o que se destina ao uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais.

Altamirando Carneiro – A verdadeira riqueza, O Consolador – Nº 212 – 05/06/2011

Fatalidade

Entre os árabes existe uma expressão (Macktab) que define o tipo de pensamento que predomina entre eles a respeito do homem e de seu destino. Segundo eles, tudo está escrito. Há uma determinação superior que governa nossos passos. Tudo está previsto, tudo predeterminado. É a doutrina do fatalismo, do determinismo.

Interessante que na vida tudo parece conduzir para esse tipo de entendimento. Havia um dito popular, quando eu era menino, que expressava bem esse pensamento. Costumava-se dizer que “quem nasce para tostão nunca chega a mil réis”. O ditado é antigo, por isso a presença de uma moeda que os mais jovens não chegaram a conhecer.

Quantas vezes ocorre a um indivíduo salvar-se de um acidente para imediatamente cair em outro. Quanta luta, às vezes, sem resultado nenhum. O problema é tão sério que Kardec não se furtou a examiná-lo buscando a orientação dos Espíritos superiores, conforme se vê nas questões 851 a 867 e nas questões 525 a 540 de O Livro dos Espíritos.

Recordando: a doutrina do fatalismo é a que admite que o curso da vida humana esteja, em graus e sentidos diversos, previamente fixado, sendo a vontade ou a inteligência impotentes para dirigi-lo ou alterá-lo. Quer dizer: quem nos criou já nos traçou um roteiro e nada contra esse roteiro podemos fazer. Seríamos, segundo essa teoria, meros robôs, sem direitos e sem vontade, cumprindo um papel para o qual não fomos sequer consultados.

Indaga-se: é a doutrina do fatalismo absolutamente falsa? Estamos ou não estamos sujeitos a determinadas ocorrências contra as quais nada podemos fazer? Essa a questão.

O LIVRE-ARBÍTRIO

Segundo a Doutrina Espírita nós somos dotados por Deus do direito de decidir, por nós mesmos, o caminho que vamos seguir. Agimos de acordo com a nossa consciência e segundo a nossa vontade. Somos livres para fazermos o que quisermos, mas somos igualmente responsáveis pelas consequências do que fizemos. Quando Deus nos criou, deu-nos a todos uma mesma origem e estabeleceu para todos a mesma destinação. Para todos: o progresso final, a perfeição possível.

Da origem ao objetivo final, há um caminho a percorrer. Esse caminho é construção nossa. Não importa o tempo que iremos, levar nessa construção. A vida não tem pressa. O certo é que existe aí uma fatalidade: Todos iremos, chegar lá, um dia. Nessa caminhada, nós nos ferimos a nós mesmos e ferimos aos nossos companheiros de jornada. Feridas que precisam ser cicatrizadas. Doenças que precisam ser tratadas. É a intensidade dos ferimentos e a gravidade das doenças que dirão do tempo e da forma do tratamento a que seremos submetidos. Como se vê, o nosso livre-arbítrio cria um tipo de fatalidade para nós. Pelo livre-arbítrio, cometemos erros, ferimos o próximo, semeamos discórdias, desequilíbrios, doenças. Esses ferimentos, esses desequilíbrios terão que ser tratados fatalmente.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXV)

ESCOLHA DAS PROVAS

Os erros cometidos, quando estagiamos pelo planeta, terão que ser corrigidos através de nossa experiência no planeta. Não é justo que outros venham retirar os espinhos que nós semeamos pelos caminhos. Fazemos isso por meio da reencarnação. É através delas que vamos curando as feridas que fizemos no próximo e tratando as que fizemos em nós mesmos. Esse tratamento é doloroso. Doloroso e demorado, porque essencial ao nosso aprendizado. Para que os erros não voltem a acontecer, não se repitam.

As reencarnações são programadas. Projetam uma tarefa a se cumprir, num tempo determinado. Quando nascemos, trazemos a provisão de fluido vital necessário ao cumprimento da tarefa. Tal qual o oxigênio que o mergulhador carrega no seu escafandro para suportar o trabalho no fundo do mar. Esgotado o oxigênio, o mergulhador tem que subir, vir à tona. Esgotado o fluido vital, o Espírito encarnado tem que voltar à sua condição de Espírito: é a morte.

O tratamento das nossas doenças, enquanto encarnados, é feito em etapas preestabelecidas. E tem um tempo de alta, tempo em que o tratamento parece concluído. Às vezes, são necessárias várias encarnações para que a saúde volte a ser plena. Durante o tratamento (a encarnação) nós podemos cometer outros erros. Acumular novos débitos. Criar, novas fatalidades futuras.

A escolha das provas é feita com a nossa participação. Escolhidas, elas acontecerão. Quando fazemos a escolha, nós nos criamos certa fatalidade que culmina com a única fatalidade definitiva: a morte. Os Espíritos não deixam dúvidas, quando dizem: “Fatal no verdadeiro sentido da palavra, só o instante da morte o é. Chegado esse momento, de uma forma ou de outra, a ele não podeis furtar-vos”.

Então, como ficamos? Existe ou não a fatalidade?

A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar, desta ou daquela prova para sofrer. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem, a achar-se colocado. Falamos das provas físicas, pois que, pelo que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir.
(Questão 851)

E por que há pessoas que parecem perseguidas por uma fatalidade, independente da maneira por que procedem? – São, talvez, provas que lhes caiba sofrer e que elas escolheram, mas, muitas vezes, são simples consequências de suas próprias faltas; de sua imprudência ou imprevidência ou irresponsabilidade.

Pode-se entender que se não for a hora, qualquer que seja o perigo que nos ameace, nós não morreremos? – Sim, assim é: temos milhares de exemplos disso, todos os dias.

Então não precisamos de cuidados médicos quando a saúde se abala! Se não for a hora a gente não morre mesmo. – Negativo: são as precauções tomadas que nos são sugeridas

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXV)

com o objetivo de evitar a morte que nos ameaça. São um dos meios empregados para que ela não se dê.

Arthur Bernardes de Oliveira, Fatalidade – O Consolador – Nº 48 – 23/03/2008

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXV)

Discípulos

“E qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo.” – Jesus. (LUCAS, 14:27.)

Os círculos cristãos de todos os matizes permanecem repletos de estudantes que se classificam no discipulado de Jesus, com inextinguível entusiasmo verbal, como se a ligação legítima com o Mestre estivesse circunscrita a problema de palavras.

Na realidade, porém, o Evangelho não deixa dúvidas a esse respeito.

A vida de cada criatura consciente é um conjunto de deveres para consigo mesma, para com a família de corações que se agrupam em torno dos seus sentimentos e para com a Humanidade inteira.

E não é tão fácil desempenhar todas essas obrigações com aprovação plena das diretrizes evangélicas.

Imprescindível se faz eliminar as arestas do próprio temperamento, garantindo o equilíbrio que nos é particular, contribuir com eficiência em favor de quantos nos cercam o caminho, dando a cada um o que lhe pertence, e servir à comunidade, de cujo quadro fazemos parte.

Sem que nos retifiquemos, não corrigiremos o roteiro em que marchamos.
Árvores tortas não projetam imagens irrepreensíveis.

Se buscamos a sublimação com o Cristo, ouçamos os ensinamentos divinos. Para sermos discípulos dele é necessário nos disponhamos com firmeza a conduzir a cruz de nossos testemunhos de assimilação do bem, acompanhando-lhe os passos.

Aprendizes existem que levam consigo o madeiro das provas salvadoras, mas não seguem o Senhor por se confiarem à revolta através do endurecimento e da fuga.

Outros aparecem, seguindo o Mestre nas frases bem-feitas, mas não carregam a cruz que lhes toca, abandonando-a à porta de vizinhos e companheiros.

Dever e renovação.

Serviço e aprimoramento.

Ação e progresso.

Responsabilidade e crescimento espiritual.

Aceitação dos impositivos do bem e obediência aos padrões do Senhor.

Somente depois de semelhantes aquisições é que atingiremos a verdadeira comunhão com o Divino Mestre.

Elucidações de Emmanuel, Discípulos – O Consolador – Nº 27 – 19/10/2007

Emmanuel, Livro: Fonte Viva, (Chico Xavier)